

COPEL

ANO XII — Nº 78 — MAIO/JUNHO — 1981



INFORMAÇÕES

PAULO AGUIAR EM VISITA TÉCNICA A SEGREDO

O Presidente da Empresa, Paulo Procopiak de Aguiar, esteve visitando o local em que será construída a Usina Hidrelétrica Segredo. Acompanhado do Diretor de Engenharia e Construções Lindolfo Zimmer e vários técnicos, o Presidente discutiu diversos aspectos e características do empreendimento, inspecionou os serviços iniciais que se desenvolvem no local e conversou com os muitos empregados que já se encontram trabalhando na obra, alguns deles, há quase dois anos, no acampamento provisório.

Um dos serviços já executados é a ponte sobre o rio Jordão, com 160,5 metros de comprimento, para dar acesso rodoviário ao local onde serão construídas vila residencial e administrativa além do canteiro de obras. A ponte de serviço sobre o rio Iguazu teve seus trabalhos de base começados. Até o final deste mês estarão iniciados os trabalhos de terraplanagem no local das vilas.

Segredo é a quarta grande usina do rio Iguazu e seu projeto prevê a instalação do kW em torno de 400 dólares, o mais baixo do País. Ao final terá 2.520 MW de potência, com um total de 1260 MW na primeira etapa, operando 4 unidades geradoras.



LEONI, NO SEU "ADEUS GERAL" | 3



São José dos Pinhais | 4

Serena de Londrina | 6

Entrevista com Delmiro | 8

Cascavel: Torneio Imprensa e Energia | 8

PRESIDENTE INSPECIONA OBRAS DA COPEL NA LAPA

Em recente visita à cidade da Lapa, o engenheiro Paulo Procopiak de Aguiar, acompanhado do Superintendente da Fundepar, Guilherme Lacerda Braga, do Presidente da Famepar, Eleutério Dallazen, do Diretor de Distribuição Carlos Eduardo Gouvêa da Costa e do Superintendente Regional de Curitiba José Gonçalves Neto, manteve contato com o prefeito Sérgio Augusto Leoni, ocasião em que foram discutidos e analisados diversos aspectos da ação da COPEL no município.

Após a reunião, o Diretor Presidente da Companhia percorreu, juntamente com os demais visitantes e com o Prefeito, diversas ruas da Lapa, inspecionando obras de melhoramento que a COPEL vem executando no setor de iluminação pública, entre as quais encontra-se a instalação de 538 novas luminárias e substituição de 399 outras, além da extensão da rede urbana. Este trabalho, executado em coordenação com a Prefeitura local, demanda recursos superiores a Cr\$4 milhões, e está em fase de conclusão. Na pauta das conversações, a realização de estudos visando a execução de melhorias no sistema de iluminação pública no distrito de Mariental.



BIRD NA COPEL

O Presidente da Empresa, Paulo Procopiak de Aguiar, recebeu a visita do Chefe de Programas do Banco Mundial para o Brasil, Robert Skillings, acompanhado do Oficial de

Empréstimo do BIRD, George Papadopoulos. Skillings veio verificar o desenvolvimento dos projetos da Empresa paranaense, financiados por aquele Banco, e tomar conhecimento dos novos programas de investimento da COPEL que poderão contar com a participação financeira do BIRD.



COMITIVA JAPONESA NA COPEL

Representantes do Japan Consulting Institute e da Nissho Iwai, ambas do Japão, estiveram em visita à COPEL, tendo mantido conversação com o Diretor Presidente da Empresa, engenheiro Paulo Procopiak de Aguiar.

No encontro, a delegação, chefiada por H. Takeshita, fez entrega de um relatório elaborado por técnicos das duas entidades, a pedido do governo japonês, sobre as observações feitas em visita anterior, acerca dos projetos em execução pela COPEL, no campo da pesquisa de novas fontes de energia, onde foi alvo de especial interesse o Programa Global do Carvão no Paraná.

SISTEMA DE CONSUMIDORES DA COPEL É ADOTADO PELA ELETRONORTE

Com a incorporação da empresa distribuidora que atende a cidade de Manaus, a Eletronorte sentiu a necessidade de um sistema para a emissão do faturamento e controle da arrecadação.

Entre a opção de desenvolver um sistema próprio ou utilizar um sistema existente no setor, optou por esta última, e, após a análise dos sistemas de algumas empresas, selecionou o da COPEL.

A transferência deste sistema que já havia sido feita pela SSP para a Escelsa (ES) em 1979, envolveu cerca de 114 programas, referentes ao faturamento normal, rotas de leitura, resumos do faturamento, cobrança normal e eventual. Foi operacionalmente implantado, na Eletronorte, em duas semanas, sob a consultoria de técnicos do DPSG/DVSC e CPPD/DVCC.

Com este fato, a COPEL, mais uma vez, marca presença no setor elétrico, demonstrando a boa qualidade técnica de seu pessoal e de seus produtos.

CAPITAL SOCIAL DA COPEL PASSA A CR\$20 BILHÕES

Consolidando sua posição de maior Empresa do Paraná, a COPEL ampliou seu Capital Social para Cr\$20 bilhões (AGE - 30.04.81), o que a situa, a nível nacional, como a 4ª entre as concessionárias estaduais de energia, e como a 26ª entre as maiores do Brasil. O aumento, da ordem de Cr\$3 bilhões e 377 milhões em relação ao Capital anterior, foi feito com 32,1% de créditos já existentes, agora incorporados, e 67,9% representando a aplicação de novos recursos.

A participação acionária do Estado do Paraná, na composição do Capital da sociedade, passa a ser de 80,40%, o que representa um montante de mais de Cr\$16 bilhões, já investidos na COPEL. A segunda maior acionista, a ELETROBRÁS, passa a deter 13,13% das ações, enquanto que os 6,47% restantes acham-se fracionados entre o Fundo de Desenvolvimento Estadual, administrado pelo BADEP, Prefeituras Municipais, outras empresas, e o público em geral.

XIV SIVE

Com a participação de 43 empregados, realizou-se, em maio, o XIV Seminário de Iniciação a Vida da Empresa - SIVE, congregando os profissionais num ciclo de palestras, durante o qual foram apresentados diversos assuntos, envolvendo principalmente a estratégia da Empresa na execução e formulação de seus programas.

Entre outras, palestras sobre a estrutura organizacional da COPEL, projeções de mercado e planejamento do sistema de transmissão, ação de recursos humanos, situação da Empresa no setor elétrico e de operação do sistema, aspectos econômicos e ação comercial, a COPEL como órgão executivo do Conselho Estadual de Energia, sistema de processamento de dados na Empresa, engenharia de segurança e medicina do trabalho, e política previdenciária assistencial da Fundação COPEL, fizeram parte do programa desenvolvido.

As palestras tiveram lugar nos auditórios do edifício Sede e da Regional de Curitiba, e o ritmo dos trabalhos desenvolveu-se em expediente integral. A programação do XIV SIVE compreendeu, também, visita ao DPDP e projeção de audiovisuais.

COMPANHIA PARANAENSE DE ENERGIA



COPEL

COPEL
INFORMAÇÕES

Boletim bimestral editado pela Assessoria de Relações Públicas - ARP
Editoria e Arte Rua Coronel Dulcídio 800, 10º andar - 80.000 CURITIBA PARANÁ
Editor Responsável Rubens R. Habitzreuter - CONLERP Nº 342

LEONI, secretária de 4 Presidentes, aposentou-se

Simpática e competente secretária de 4 presidentes da Empresa, Leoni Moreira Tissot aposentou-se, por tempo de serviço, no dia 30 de abril — dia em que a COPEL elevava seu Capital Social para Cr\$ 20 bilhões (e que era de Cr\$ 800 mil quando ela foi admitida, em 1958).

Conhecida de quase todos os que trabalham ou trabalharam na COPEL, Leoni, impossibilitada de agradecer e despedir-se de todos os companheiros — “muitos, principalmente do interior, que cheguei a conhecer apenas por telefone, já me fizeram diversas reprimendas, achando que eu saía correndo, esquecendo de me despedir” —, elegeu o COPEL Informações como veículo portador de um breve “adeus geral”. Assim, esta pequena reportagem leva Leoni, em pensamento, a todos os que com ela conviveram, nesta grande parte da vida que à COPEL dedicou.

Desde 1960 exercendo as funções de secretária da Presidência da COPEL, Leoni trabalhou com 4 deles, sendo a pioneira no cargo: — “Antes de 1960, não existia, na Empresa, um cargo específico de secretária para o Presidente, pois a Empresa praticamente engatinhava ainda, tinha apenas 80 empregados. A partir do período do Prof. Parigot, grande responsável pelo que a COPEL é hoje, criou-se a função, e eu fui a primeira a ocupá-la — e até 30 de abril, a última”. O que existia até 1960, era uma espécie de secretária geral, que atendia a todos os diretores e a toda movimentação administrativa da Companhia. Entre estas secretárias, estava Leoni, chefiada por Romeu Machado, “que quando me via conversando com o René, que trabalhava no andar de cima ao meu, dizia: — ‘Isso vai dar casamento’, e eu brigava com ele”.

Forçada pela própria natureza de seu serviço a manter em constante evolução seu espírito de concórdia e tino diplomático, Leoni confessa veladamente, que o trabalho “prejudicou um pouco a harmonia no andamento de minha vida familiar, mas nada que pudesse forçar-me, hoje, a guardar qualquer espécie de ressentimento contra qualquer um dos Presidentes com que trabalhei, ou colegas de Empresa”.

Obrigada a dar seguidos “plantões” em frente à sede da COPEL, à espera da esposa que estava secretariando uma reunião ou datilografando um ofício urgente para o Presidente, René também não imputa à Empresa “qualquer responsabilidade por atritos, que acaso tenham existido, entre a Leoni e eu por questão de horários divergentes”. Segundo ela mesma conta, “não foram poucas as vezes em que eu só via o René, durante o dia, de passagem pela porta de casa, ele saindo de volta ao serviço e eu entrando para o almoço”. Quanto ao filho Marcelo, hoje com 17 anos, “ele sim, pode ter sido um pouco prejudicado, pois grande parte da sua evolução como pessoa eu acompanhei ‘pela metade’, embora procurasse estar com ele durante todo o tempo que eu tivesse disponível. Minha mãe foi quem nos deu grande ajuda, pois morando com a gente, ela cuidava do Marcelo, enquanto eu trabalhava”.

De todo o tempo em que trabalhou na Empresa, Leoni só guarda boas recordações, “tantas que fica difícil dizer, assim na hora, aquela que tenha sido a melhor. Mas entre todos os bons momentos que vivi aqui dentro, um dos que mais me comoveu foi a minha despedida, quando senti todo o calor e carinho dos que comigo trabalhavam. Foi muito bonito”. E bem-querência, para Leoni, não é novidade: durante todos os anos em que serviu à COPEL, Leoni angariou a simpatia de tantos quantos mantinham contato com ela, desde os Presidentes até mesmo os operadores de usinas e subestações do interior. Tanto que até hoje, ela recebe telefonemas e visitas de muitos, agora, ex-colegas, que fazem de sua casa ponto de encontro para conversas e reminiscências dos tempos em que “cada obra da COPEL no Estado era festejada por todos como mais um desafio vencido na escalada para a grandeza, que hoje já atingiu”.



E a COPEL de antigamente Leoni conheceu bem: — “A sede da Empresa era no prédio do Banco da Província do Estado do Rio Grande do Sul, quase na esquina da Monsenhor Celso com a Marechal Deodoro, já fechado e onde funciona hoje a agência do Banestado. O panorama elétrico do Paraná, na época, era calamitoso: com exceção de Curitiba, onde a Força e Luz tinha energia gerada pelas usinas de Guaricana e Chaminé, o resto do Estado era um pavor — todas as usinas movidas a diesel, e não tinha energia que chegasse para todo o mundo.”

Quando a COPEL entrou em cena e começou a trabalhar por esse Paraná afora, a gente sentia que era um imenso desafio que precisava ser vencido, sob pena de todo o Estado ser estrangulado, por falta de eletricidade para seu desenvolvimento. O René, que na época fazia o levantamento e avaliação das terras a serem desapropriadas para a implantação da LT Londrina/Apucarana, nunca havia feito tal trabalho em toda a sua vida, e nem o Eulálio, que trabalhava com ele nesta empreitada. E eu, nas minhas férias, fui auxiliá-lo, fazendo os inventários das propriedades a serem indenizadas.

Pela minha caligrafia, que é boa, fui escalada para fazer as atas dos relatórios, enfrentando em jipe quilômetros e quilômetros das péssimas estradas existentes na região, e que, por sinal, eram as únicas. E era este espírito de pioneirismo que mais nos incentivava a seguir adiante, não que ele tenha deixado de existir, mas naquela época a gente via de perto o resultado do nosso trabalho, a gente vibrava de satisfação ao ver uma nova Linha inaugurada, mais uma Subestação implantada. Hoje, a rotina do sucesso da COPEL em termos de empreendimentos, embotou um pouco o aspecto de aventura que existia em cada tarefa; a certeza da perfeição tira muito da alegria espontânea que se sente ao ver que tudo saiu a contento. Mas tudo faz parte da evolução do mundo: os próprios métodos de trabalho devem acompanhar o crescimento das necessidades. Ontem, construía-se uma usina de mil kW e festejava-se bastante; hoje, a mesma usina é desativada para dar lugar a outra, de um milhão ou dois”.

— “Foi Parigot de Souza — continua — quem fez da COPEL uma Empresa nacionalmente respeitada e conhecida, dotando-a de padrões técnicos e profissionais que poucas podem apresentar. Vejam, por exemplo, a Usina que hoje leva seu nome, em Capivari-Cachoeira, inédita em todo o mundo, uma verdadeira obra de arte. Ela é o típico exemplo de uma obra erguida a partir da obstinação profissional de um homem, exigente e rígido em seu comportamento, mas com a sensibilidade que caracteriza todo grande administrador. O Professor Parigot, no seu período de gestão à frente da Empresa, caracterizava-se por seu metodismo, um ritmo de trabalho intenso e, como profissional, bastante exigente. Quando fui ‘escalada’ para ser secretária da Presidência, todas as minhas colegas

me alertavam para o duro porvir que me aguardava, pois a fama de ‘durão’ angariada por ele, já era bastante conhecida de todos. Eu fiquei amedrontada no início, aguardando de uma hora para outra, uma explosão de temperamento do Presidente. Mas o convívio, realmente, revela as pessoas: por trás da rigidez e férrea disciplina em serviço, encontrava-se uma pessoa afável, bondosa, que gostava de conservar um horário fixo para poder almoçar com a família, conviver com ela. E foi com ele, seguindo suas lições e imitando seus exemplos, que moldei minha carreira profissional, procurando sempre manifestar honestidade, austeridade e respeito”.

Sobre os demais Presidentes com quem trabalhou, Leoni guarda maiores recordações, também, da gestão do engenheiro Arturo Andreoli, — “um técnico como o Professor Parigot, e muito parecido com ele profissionalmente; afinal, Andreoli foi aluno dele na Faculdade” — principal-

mente em razão do tempo que durou seu mandato à frente da COPEL. Mais expansivo que seu antecessor, Andreoli tinha maior capacidade em cativar as pessoas, deixando vasto círculo de amizades na Companhia ao se transferir à ELETROSUL. — “Foi com o engenheiro Arturo que eu enfrentei os maiores problemas de horários em casa, pois em sua agenda sempre havia tempo para receber mais alguém. Muitas vezes ele não ia almoçar, ficava em seu gabinete trabalhando, e eu também ficava para auxiliá-lo. E o René, forçado pelas circunstâncias, era obrigado a dar ‘plantão’ na frente do prédio, esperando para irmos juntos para casa, à noite. Mas também com Andreoli eu aprendi muito, principalmente na questão do trato com as pessoas. Seu jeito de ser ensinava, continuamente, como se pode conciliar extroversão e respeito, dignidade e simplicidade”.

As duas gestões que se seguiram foram mais breves: a do engenheiro Douglas Souza Luz, cujo período na Presidência foi marcado pela inauguração da Usina de Foz do Areia, “empreendimento grandioso, digno de uma empresa como a COPEL”, e a atual, do engenheiro Paulo Procopiak de Aguiar, também marcada por um empreendimento de fôlego, o início das obras da Usina de Segredo. E pelo pouco tempo de convívio que teve com estes Presidentes, Leoni omite-se em delinear um perfil profissional mais acurado, salientando apenas a grande capacidade de ambos, demonstrada durante o breve período em que trabalhavam juntos.

Agora, já afastada das funções que exerceu por 24 anos na Empresa, dos quais 21 como secretária da Presidência, Leoni pode cuidar melhor de sua casa, de sua família, embora ainda estranhe bastante o novo estilo de vida que começou a experimentar: — “No começo, parece que estou apenas em férias, e que em breve deverei reassumir minhas atribuições.

Não me sinto, ainda, como uma aposentada, definitivamente desligada do trabalho. Já me aconteceu diversas vezes, este mês, de acordar, olhar no relógio e tomar um susto ao ver o adiantado da hora, inconscientemente preocupando-me em correr para não chegar atrasada ao serviço”.

Quanto aos planos para o futuro, Leoni não é muito ambiciosa: — “Quero exercer na plenitude, com esmero e dedicação, o papel de esposa, mãe e dona-de-casa, que fui obrigada a negligenciar um pouco durante todos estes anos, em favor de minhas responsabilidades profissionais. Ainda bem que o René e o Marcelo compreenderam bem a razão de todo esse sacrifício, e na certa, muito colaborou para esse entendimento o fato de meu marido e eu trabalharmos na mesma Empresa, termos o mesmo círculo de amizades, compartilharmos das mesmas expectativas no campo profissional. E essa compreensão, muitas vezes, teve de ser demonstrada na prática: enquanto eu fazia o almoço, o René arrumava as camas, limpava a cozinha, e o Marcelo o ajudava. Não foi nada fácil chegar inteira até aqui”.

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS

A partir desta edição, COPEL INFORMAÇÕES vai dar a conhecer uma cidade paranaense. Sua história, sua gente, seu trabalho e seu desenvolvimento, e sua importância no contexto estadual.

Começamos por São José dos Pinhais, distante 12 km da Capital. A ordem com que abordamos as cidades é facultada pela disponibilidade de condições e deslocamentos da redação do jornal.

Você vai ter oportunidade de conhecer muitas cidades, e, quem sabe, ver a sua estampa nas páginas de "COPEL INFORMAÇÕES".

Como em toda a região Sul do Estado, São José dos Pinhais teve seu início marcado com a exploração do ouro — os arraiais, e os carreiros que, ainda no século XVII formavam a principal atividade econômica. Logo depois, veio a extração, industrialização e exportação da madeira e erva-mate, a partir do século XIX.

Com uma superfície de 925,8 km², o município foi instalado em 8 de janeiro de 1853 e é limitado por Curitiba, Piraquara, Morretes, Guaratuba, Tijucas do Sul e Mandirituba.

Segundo a História, foi nessa região de São José que a primeira expedição portuguesa, vinda com Martim Afonso, foi duramente massacrada pelos aborígenes. A vila, que teve origens numa capela, era composta por aventureiros ávidos de ouro e alguns poucos autóctones apaziguados pelos padres. Já em 1897 foi elevada à categoria de cidade.

Situa-se em São José dos Pinhais o maior pólo hortigranjeiro da Região Metropolitana e há no município, uma grande produção de arroz, feijão, erva-mate, milho, batata e trigo.

O setor industrial é representado por grandes madeireiros, papelarias, indústrias de laticínios, plásticos, cerâmicas, artefatos de cimento, alimentícios, bebidas, óleo de menta, têxtil e metalúrgicos. Ao todo, o município tem uma arrecadação mensal de ICM superior a 40 milhões de cruzeiros.

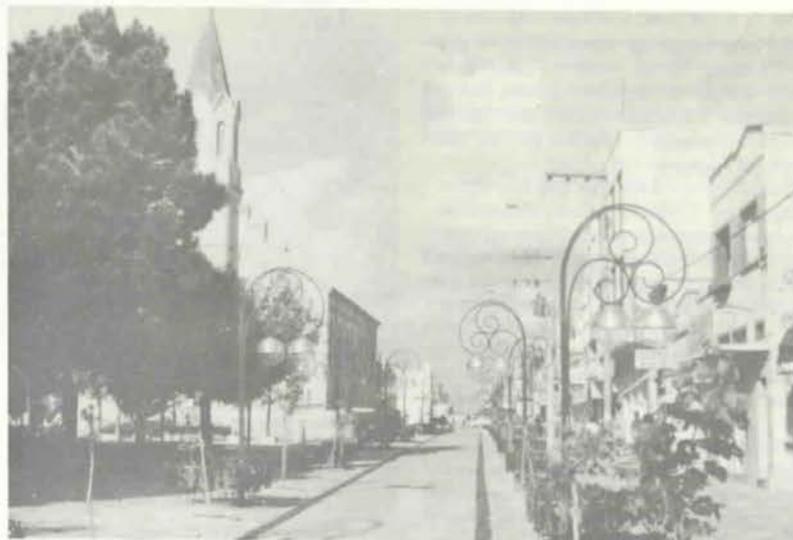
Central telefônica DDI, agências da ECT, dois jornais, uma rádio e mais de 100 escolas, além de três emissoras de TV a 12 km (Curitiba) completam o quadro ensino / imprensa / comunicação.

A população, mais de 71 mil habitantes — com um crescimento superior a 106% na última década —, orgulhosa pelo que seu município representa, sendo sede da matriz nacional da Ibramoto S/A — fabricante das motocicletas Garelli, a Nutrimental — distribuidora de alimentos, a outras grandes fábricas como a Artex, a CLAC e três empresas de ônibus.

ENERGIA ELÉTRICA

A história toda começa em 1933, quando a Prefeitura Municipal iniciou a distribuição de energia elétrica em períodos intermitentes, precariamente, sem dúvida. Era a falta de experiência, falta de equipamentos e verbas. O desenvolvimento exigia, entretanto. Aliás, são três fases distintas — Prefeitura, Companhia Força e Luz, e COPEL.

A primeira fase foi até 1960, embora bem an-



Rua XV de Novembro

tes, por volta de 1948, a CFLP já fosse responsável pela venda em grosso de energia para a Prefeitura. Com a Força e Luz, as expectativas tomaram vulto, pois, já caminhava pelas ruas de São José, pelo menos um electricista. Logo depois, outro empregado para fazer as leituras de energia e distribuir as faturas.

Enquanto isso, o município crescia e o desenvolvimento tornava patente a necessidade de infraestrutura.

1973 — COPEL

A Agência da COPEL no município é que auxiliou a reportagem a catalogar alguns acontecimentos referentes à energia elétrica na região. Pouca coisa registram os arquivos municipais a esse respeito. Talvez uma legendaria seqüência claro-escuro do município. Paciência.

Serea é o gerente da Agência e nos indicou o Dirceu e o Antonio para um bate-papo. São os mais antigos: trabalharam na Força e Luz. Ao todo são 15 os empregados da Agência, e a impressão que se tem é que formam uma família. O Serea até nos adiantou que estão trabalhando aos finais de semana no melhoramento das linhas mais velhas, nas redondezas da cidade — "temos até uma linha de 35 quilômetros de extensão". O motivo do trabalho nos finais de semana é a preocupação do pessoal com a estabilidade do sistema que agora, "excetuando-se os contratemplos, já está entrando nas "linhas", segundo o Serea.

— "Por volta de 1969", corta o Antonio, "as coisas estavam pretas. Havia 4 lâmpadas de Iluminação Pública — ficavam na rua XV — e cada uma delas tinha um encarregado para ligá-las e desligá-las. Eu era o único electricista; o Dirceu me ajudava, fazia as leituras, entregava as faturas. O grosso do negócio — algumas emergências ou serviço grande — era feito pelo pessoal de Curitiba. Só que até que

a gente ligasse para lá (pelo telefone de manivela) e eles tivessem tempo de chegar aqui, nem era mais emergência".

O problema tornava-se grave, mesmo quando só trovejava em Tijucas do Sul, porque o sistema era 'desconfiável'. E segundo o Antonio e o Dirceu contam, "algumas vezes a gente saía pela manhã e só voltava à noite. Fazia longos percursos a pé, ou de bicicleta. Os serviços eram feitos de bicicleta quando eram mais urgentes e a pé, quando normais".

ACONTECEU

Era comum acontecerem fatos interessantes, na região, quando se tratava de reclamações a respeito de contas, ou fatos pitorescos como os que o Antonio e o Dirceu lembram.

1 — Dia desses, um consumidor veio até a Agência e pediu para que encerrássemos sua conta. Pedimos, então, que tomasse o número do medidor, ao que assentiu. Foi para casa. Horas depois voltou. — "Olha, eu lidei, lidei e não consegui tirar o número; então eu trouxe o relógio, serve?"

2. Uma gaúcha grandona, valentona, não pagou a conta de luz e fomos até lá para cortar o fornecimento. Pedi licença, entrei pelo portão e informei o que estava acontecendo. Calmamente, ela respondeu:

— Você pode cortar. Pode cortar, mas daqui você não sai.

— Mas acontece que...

— Acontece que daqui você não vai sair. É só cortar, para ver. (Até hoje o final da história não foi contado a ninguém pelo Antonio. O mistério continua: teria cortado?).

3. Outro caso foi o do velho que saiu com um trabuco apontado pra gente quando queríamos cortar a luz dele. O Dirceu estava em cima do poste. E eu (Antonio) lá embaixo. O velho com a arma apontada pro Dirceu:

— Desce daí ou eu atiro.

— O senhor desculpe, mas...

— Não desculpe. Desce já daí. Ou quer que eu atire?

Foi necessário ir à delegacia, e pedir reforço policial. Fomos à casa do velho. Ao final, até negou aos policiais que tivesse tal arma em sua casa.

Segundo o Antonio, "você devia ver o Dirceu no alto daquele poste. Olho firme na arma. Branco...".

4. Ainda outro dia apareceu aqui — conta o Serea — um senhor e seu filho. Chegou-se à minha mesa e foi espalhando receita médica, notas promissórias em favor de hospital, guia de internamento e outros papéis mais, e foi logo dizendo:

— Quero que a COPEL reembolse isto aqui para mim. São despesas que tive com este meu filho...

— Isso significa o quê?

— É que após a janta, lá em casa todos saem para dar uma voltinha — teste de Cooper, digestão,



Matriz nacional da Garelli

essas coisas — e outro dia este piá levou uma trombada de uma bicicleta e teve que ir ao hospital.

— Sinto muito. Como foi?

— Acontece que na rua onde eu moro tem uns postes que não têm lâmpada e nós não vimos a bicicleta. A culpa é da COPEL. Você vai ter que pagar isso aqui.

— III

CONSUMO DE ENERGIA

Para se ter uma idéia do crescimento do município de São José, basta verificar que o consumo, em 1973, quando o atendimento começou a ser feito diretamente pela COPEL, era de 27.828 MWh para um total de 4.741 consumidores.

Ao final de 1980, havia 12.558 consumidores — 10.834 residenciais, 1.032 comerciais, 364 industriais, 220 rurais e 108 outros — que consumiram 52.158 MWh. Destaque para o setor industrial que consumiu 50% desse total.

Ao final de maio, o número de consumidores já se elevava para mais de 14.200.

Ainda no setor elétrico, convém ressaltar que



Agência de São José dos Pinhais

a COPEL tem, no município de São José dos Pinhais, duas usinas em operação — Chaminé, com 16.000 kW, e Guaricana, com 39.000 kW; localiza-se ali, também, a barragem do Voçoroca.

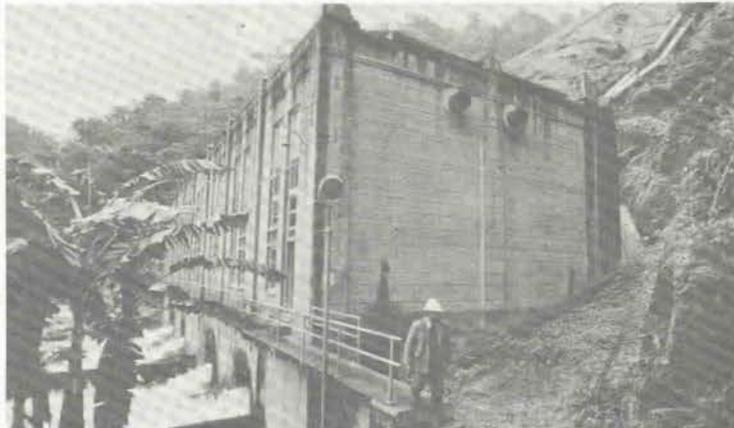
A GENTE

Cidade bonita, limpa, São José dos Pinhais reflete em sua gente a religiosidade que foi o marco inicial na história da cidade, a simpatia e hospitalidade, e a alegria de ser uma cidade abraçada à Capital do Estado.

O povo simples, ar tranqüilo, só às vezes perturbado pela agitação de cidade grande. Com um comércio forte, uma indústria cada vez mais agitada, o habitante de São José tem um certo ar de orgulho, por vezes, "porque o maior aeroporto do Paraná, o Afonso Pena, está aqui; São José dos Pinhais é ponto de partida e chegada de todos os que chegam ou saem de Curitiba pelo ar; e não bastasse isto, nossa Colônia Muricy é o centro de hortigranjeiros da Capital, e eles têm que reconhecer, pelo menos, essas duas coisas...".



Dirceu e Antonio, os pioneiros



Usina de Chaminé

Agradecimentos, pela colaboração, ao Diretor Administrativo da Prefeitura, Lourival L. Berti, ao Pedro Micrute Neto, do Banestado, e a toda a equipe da Agência de São José dos Pinhais.

A NOVA REDE TELEX DA COPEL

A COPEL possui, atualmente, uma rede de teletipos interligados em anel por meio de circuitos de onda portadora, através de suas linhas de alta tensão.

As máquinas de teletipo desse sistema funcionam ponto a ponto, em horários predeterminados para cada usuário.

É bastante evidente que tal modo de operação acarreta sérias limitações às necessidades de comunicação telegráfica da Empresa, restringindo a agilidade tanto de sua máquina administrativa como de seu complexo operacional.

Com a implantação da rede de microondas da Empresa, tornou-se viável a reestruturação do sistema telegráfico visando a minimização das deficiências existentes.

Optou-se pela substituição da atual rede, em anel, por uma rede em estrela com uma central de comutação telegráfica situada no nó do sistema, e a substituição de todas as máquinas de teletipo eletromecânicas, ora em operação, incompatíveis com as características da nova rede, por teletipos eletrônicos de concepção moderna e adequados à filosofia do novo sistema.

A nova rede Telex da COPEL incorpora inúmeras facilidades operacionais, inexistentes no sistema atual, permitindo a comunicação de cada teletipador com todos os demais ligados ao sistema, sem a obediência a horários pré-fixados e pela simples marcação do número do terminal desejado no teclado do teletipador. Dessa forma, o estabelecimento de uma comunicação telegráfica se dará por "discação direta", de modo semelhante ao de uma rede de telefonia automática. Na fase inicial de implantação da nova rede, serão instalados 50 teletipadores eletrônicos

modelo T-1000 de fabricação Siemens, em substituição aos teletipos existentes, uma central de comutação telegráfica modelo TWKN, também de fabricação Siemens, a qual está equipada nesta fase, com recursos que permitem a comunicação simultânea de até 18 (dezoito) teletipadores, interligados dois a dois, o que representa a possibilidade de que mais de 30% do total de assinantes se comuniquem ao mesmo tempo.

Os equipamentos da nova rede são de concepção avançada e fabricados segundo uma tecnologia atual e confiável, permitindo ampliações modulares de maneira a atender a evolução das necessidades da Empresa.

É importante notar que a correta manipulação das facilidades, ora colocadas à disposição dos usuários do novo sistema de Telex, trará benefícios em diversos níveis, com reflexos no desempenho das áreas da Empresa, direta ou indiretamente envolvidas.

AQUISIÇÕES DA BIBLIOTECA

Eis algumas das publicações recentemente adquiridas pela DVBI:

ADMINISTRAÇÃO

MAGALHÃES, Celso de. Técnica de chefia e do comando. 1980. 101 p.

TREWATHA, Robert L. Administração: funções e comportamento. 1979. 560 p.

ENERGIA

BIASI, Renato de. A energia nuclear no Brasil. (c1979). 183 p.

BRASIL. Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica. Código de águas. 1980. 2v.

JONES, Peter. How to cut heating and cooling costs. (c1979). 144 p.

MORRISON, James W. The complete energy-saving handbook for homeowners. (1979). 288 p.

ENGENHARIA ELÉTRICA

INTERNATIONAL WIRE AND CABLE SYMPOSIUM, 27., Cherry Hill, 1978. Proceedings. 1978. 412 p.

JORNADAS NACIONALES DE DISTRIBUCION DE ENERGIA ELECTRICA, 3., Porlamer, 1981. III Jornadas Nacionales de Distribucion de Energia Eléctrica. 1981. 2 v.

RAVINDRANATH, B. Power system protection and switchgear. (c1977). 444 p.

LINGUAGEM

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. (1978). 374 p.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima gramática da língua portuguesa. (1980). 439 p.

ORTEU, Henri. Francês prático; método de conversação. (1980). 151 p.

REDAÇÃO TÉCNICA

DAY, Robert A. How to write and publish a scientific paper. (c1979). 160 p.

SERENA: "O JATÃO DAS LEITURAS"

"Na Regional de Londrina o COPEL INFORMAÇÕES encontrou o leitorista mais rápido do Paraná: ADOLFO SERENA: 18 anos de Empresa e muita vontade de trabalhar"

Quem olha para este paulista de São Caetano do Sul, simples até no boné que usa, não imagina que ele é o mais rápido leitorista da Regional de Londrina e, provavelmente, do Paraná. Com 50 anos bem vividos, Adolfo Serena nunca perdeu um dia, e sequer uma hora de trabalho e já conseguiu um feito impressionante: realizar em apenas um dia, 3.954 leituras de consumidores, enquanto a média diária dos demais gira em torno de 600 leituras. Serena chegou a Londrina em 1961, pouco após o seu casamento com dona Terezinha da Cruz Serena, cuja família vivia no Norte do Paraná e incutiu nele a esperança de fazer sua vida na Terra do Café. Dois anos mais tarde, no dia 6 de maio de 1963, Serena foi admitido como leitorista da EELSA — Empresa Elétrica de Londrina S/A. Seus olhos brilham quando ele relata o episódio de sua contratação: "Logo que cheguei a Londrina, fui trabalhar no Almoarifado do Armazinho Paulista, para depois fazer outros servicinhos. Um dia vi o "Ditão" (DVRO) fazendo uma leitura e me interessei. Na época eu morava vizinho do Rui Barbosa de Castro, chefe de escritório da Empresa Elétrica. Conversei com ele e não demorou mais dois meses estava empregado como leitorista".

VELOCIDADE DESDE O INÍCIO

Já no primeiro dia de trabalho, Adolfo Serena causou espanto ao seu chefe e aos demais companheiros, fazendo em tempo recorde as leituras de consumidores que lhe foram determinados. — "O chefe me deu a pastinha do Parque Guanabara, onde estavam localizados 27 consumidores, distantes uns dos outros. Os colegas me disseram que se eu iniciasse as leituras logo depois das 8 da manhã, eu conseguiria terminar perto das 4 e meia da tarde. Falei com o chefe e ao invés de assinar o ponto naquele primeiro dia, exatamente às 8 da manhã eu já estava no Parque Guanabara, iniciando as leituras. Às 8 e 40 eu estava de volta no escritório, a tempo de tomar o cafezinho das 9 horas. O chefe foi pro meu lado perguntando o que eu estava fazendo, ainda ali, e quando soube que eu já havia terminado o serviço, ficou espantado. E ficou mais espantado ainda, porque só naquele dia fiz leituras de 3 setores diferentes da cidade". Quando Serena iniciou seu trabalho, havia em Londrina apenas 13.500 consumidores de



Serena, entrevistado por Salvador Francisco.

energia elétrica e, hoje, o número de ligações é superior a 65.000. Ele admite que será bastante difícil repetir o histórico dia em que realizou 3.954 leituras de consumidores, mas sua média continua alta. Enquanto os colegas da equipe fazem em média 600 leituras, sua média diária permanece em torno de 1.000 a 1.200 leituras.

ALMOÇO ATÉ NO CONSUMIDOR

Adolfo Serena conhece como ninguém os diversos bairros de Londrina, principalmente aqueles mais antigos, onde estão espalhados seus conhecidos dos primeiros tempos da cidade, "tempos em que a amizade era de maior valor" — diz ele. Hoje em dia, é comum quando chega a hora do almoço e Serena está fazendo leitura em casa dos velhos conhecidos, que acaba almoçando por ali mesmo. Além de economizar os trocadinhos do ônibus e a própria refeição que faria em casa, ele adianta o serviço que lhe foi determinado. Ele confia que nos Jardins Bandeirantes, Leonor, 3 Marcos, Waldemar Hauer e alguns outros, nunca teve problemas com almoço, porque os consumidores fazem questão de que ele "coma um feijãozinho" com eles. Também com acidentes ele nunca teve problemas e nunca foi atacado por cães, que representam o maior perigo para os leitoristas. Uma vez chegou a levar um susto de um "pastor alemão" que não estava na corrente, mas conseguiu fechar o portão a tempo de evitar

o ataque. Hoje ele sempre bate palmas nos portões e espera que alguém abra a porta e, só em último caso, adentra os quintais sem uma consulta prévia a algum proprietário da casa. — "Mesmo que a gente já tenha estado em determinada casa é preciso tomar muito cuidado, pois nunca se sabe se tem cachorro novo na praça" — instrui Serena.

DOENTE PELO TRABALHO

Alguns colegas de serviço afirmam que Adolfo Serena é um "doente pelo trabalho", termo que ele prefere mudar para "gosto pelo serviço". Desde o começo de sua atividade na Empresa, quando todos achavam que era impossível realizar mais que 300 leituras diárias, ele provou o contrário, obrigando os demais da equipe a aumentarem o ritmo. — "Mostrei ao chefe que isto era possível, sem que houvesse erros". E realmente já foi comprovado pelo seu superior, Ludinei Piceli (AG/LNA), que para Adolfo Serena, velocidade é sinônimo de exatidão, o que faz com que ele seja realmente considerado o "JATÃO DAS LEITURAS", com a vantagem de ainda nunca haver se atrasado. Morando com a esposa, uma filha e o Pai, Serena reduz seu lazer a uma mesa de "snooker", atualmente desativada com a reforma que vem fazendo na casa e que o obriga a trabalhar um pouquinho também nos finais de semana. Gosta de futebol, mas não é fanático e prefere a tranquilidade de ouvir os jogos do Londrina E.C. pelo rádio de pilha, a enfrentar o tumulto de entrada e saída do Estádio. Mas não acha ruim quando lhe dizem que é doente pelo trabalho, "porque alguns sábados que fico em casa sem serviço, me chateio e tenho que batalhar alguma coisa para fazer".

TUDO PELA EQUIPE

Apesar de ser considerado o exemplo de bom profissional, Adolfo Serena não critica o rendimento dos demais companheiros e até fez um pedido quando dessa reportagem: "Hoje somos 12 leitoristas para cobrir os diversos setores de Londrina, mas a equipe está muito bem entrosada e a gente sente em todos os companheiros de hoje, a vontade pelo trabalho. Por isso, gostaria de pedir que nos mantivessem sempre juntos, porque a saída de um ou outro prejudicaria bastante o nosso serviço." Serena desvia o assunto quando a conversa chega até a aposentadoria e argumenta que além de faltarem alguns anos para essa possibilidade, a sua vontade seria de continuar trabalhando mesmo após o prazo que a lei facultava esse direito. Por isso, mesmo com o passar dos anos, todos terão sempre no início do expediente, a imagem SERENA do ADOLFO, com a prancha na mão, o boné castigado pelo sol, e no rosto a mesma vontade dos primeiros dias de trabalho, "tempos em que a amizade era de maior valor".



Adolfo Serena ladeado pela esposa Terezinha e o pai Valentim.



"Jatão das leituras"



Jozielle Maria e Joziani Maria são gêmeas, nascidas em 28.07.80, filhas de Maria Aurília e José Aranda Filho (AG/CIT).



Adriana Paula é filha de Eleny e João Lino Maciel (DVRC/PGO), e nasceu em 11.04.75.

ESTUDO DE CONFIABILIDADE DE SUBESTAÇÕES

Face à importância cada vez maior da COPEL no desenvolvimento do Estado do Paraná e na projeção nacional, como Empresa que elabora seus próprios projetos de subestação, estudos de alto nível no que concerne à confiabilidade de subestações, vêm sendo executados pela SEC com auxílio da SSP.

Esse passo, além de colocar a COPEL ao nível técnico das grandes companhias energéticas brasileiras, oferece às equipes de projeto e planejamento, condições de aliar à sua experiência, uma análise baseada nas condições reais do sistema e assim chegar à melhor alternativa para cada situação.

O trabalho desenvolvido e implementado computacionalmente, permite a análise da confiabilidade de uma subestação, levando em conta: probabilidade de falha, tempo de reparo ou desconexão, tempo de identificação da falha e manutenção programada de todos os equipamentos da subestação e das linhas de transmissão. Considera, também, tempo de chaveamento de seccionadoras, probabilidade de emperramento dos disjuntores, filosofia da proteção elétrica adotada, falha na proteção, as condições reais de operação da subestação, podendo considerar, inclusive, o tempo de deslocamento das equipes de manutenção até o componente falhado.

Esse programa, além da análise das subestações em operação, possibilita o estudo das que serão futuramente projetadas, como foi o caso da sua primeira grande aplicação: estudo do arranjo para a subestação Bateias, 230 kV.

A análise técnica efetuada comprovou, numericamente, os conceitos teóricos conhecidos dos órgãos de Engenharia e Operação, frutos da experiência adquirida em vários anos de estudos.

A SE Bateias será interligada à SE Campo Largo - 500/230 kV da ELETROSUL, devendo estar na sua etapa definitiva, interligada com várias subestações da região de Curitiba, aumentando, desse modo, a disponibilidade de energia e a confiabilidade do sistema COPEL na região Sul do Estado.

Atribuindo à subestação cada um dos arranjos tecnicamente viáveis, simulou-se sua operação, obtendo, desse modo, índices de confiabilidade que permitiram a posterior análise técnica comparativa, entre os arranjos escolhidos em função exclusiva dos elementos que os compõem.

Posteriormente foi efetuada uma análise mais completa, levando-se em conta as LT's e a subestação de 500 kV da ELETROSUL, bem como as

LT's da COPEL. Os resultados obtidos forneceram os índices de interrupção de energia, nos pontos de carga, em função de todos os componentes do sistema considerado, realçando desse modo, a influência do arranjo da subestação em estudo, nos índices de confiabilidade para os pontos analisados.

Encontra-se hoje em fase avançada a complementação do referido trabalho, que determinará a perda de vida útil de transformadores em condições normais e em situações de contingências operacionais, bem como, calculará os índices de confiabilidade considerando também as restrições de carregamento em alguns componentes da subestação.

De posse dos subsídios técnicos assim obtidos, será desenvolvida numa etapa final, uma sistemática para análise econômica, tornando o trabalho abrangente e completo.

Se com a presente etapa do programa, a análise dos arranjos para subestações sofreu uma evolução significativa, no futuro haverá condições de otimizá-la, técnica e economicamente, colocando a COPEL na vanguarda desse tipo de estudo.

(colaboração SEC/DPSE - Eng^o Rubens R. Blaszyk)

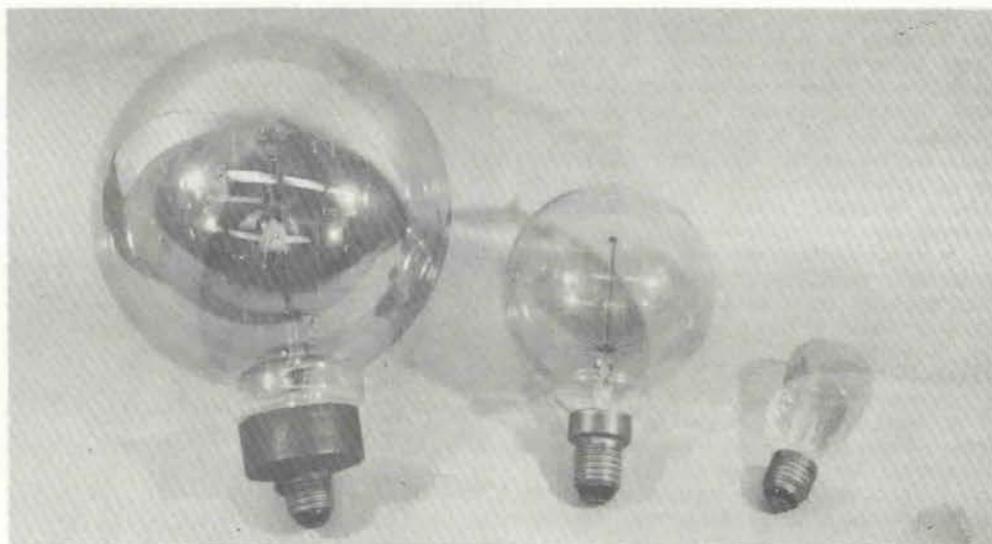
MUSEU DA ELETRICIDADE RECEBE IMPORTANTE CONTRIBUIÇÃO

O acervo do Museu da Eletricidade no Paraná, coordenado pela Assessoria de Relações Públicas da COPEL, acaba de ser enriquecido, com a incorporação de três lâmpadas, fabricadas entre 1911 e 1913, segundo estudos realizados pela Osram. Uma das lâmpadas ainda funciona perfeitamente, e calcula-se que fosse empregada na iluminação pública.

Das três lâmpadas, a menor tem potência de 25 Watts, presumindo-se fosse ela de uso doméstico. Já a maior, com potência de 300 Watts, tem 27 centímetros de comprimento e 19 de diâmetro, sendo as dimensões de seu bulbo equivalentes a algo como uma bola de futebol.

As lâmpadas, doadas por Victor Hugo Stremel Mildenerger, são incandescentes, a vácuo (sem gás), com fio de tungstênio estirado (refilado) entre suportes. Calcula-se que tenham cerca de 70 anos de idade, já que o processo de fabricação de lâmpadas, com a utilização do fio de tungstênio em forma de filamento, só foi iniciado depois de 1913.

Como observação, lembramos uma vez mais, que qualquer colaboração (doação) para o referido Museu da Eletricidade, deverá ser encaminhada à Assessoria de Relações Públicas da Companhia.



TORNEIO IMPRENSA E ENERGIA EM CASCAVEL

Os profissionais de rádio, jornais e de TV lotados em Cascavel participaram, dia 9 de maio último, do I Torneio Imprensa e Energia, nas dependências do Clube dos Copelianos do Oeste (Clube), junto à Subestação Pinheiros, congregando precisamente cento e vinte e uma pessoas, tanto nos três jogos de futebol suíço quanto na churrascada de confraternização que foi oferecida na oportunidade.

O Torneio de futebol suíço teve três jogos, o primeiro reunindo pessoal de jornais e da TV Tarobá. Venceu o time da Tv, pelo elástico escore de 7 a 0. O segundo jogo reuniu os times da Copel e das rádios, vencido pelos radialistas pelo escore de 5 a 2. O jogo decisivo reuniu os vencedores, TV e rádios, numa partida disputadíssima, vencida pela TV Tarobá pelo placar de 3 a 2.

Depois dos jogos, reunidos ainda no campo, foi procedida a entrega dos troféus aos participan-



JORNALISTAS, 4º lugar.

tes, em solenidade que contou com as presenças dos engenheiros Cláudio Mesniki (SRV) e Dárcio Renó Ramos (CROV) e dos vereadores Darci Israel (radialista) e Osmar Xiquinho Zimmermann (jornalista). A classificação ficou sendo a seguinte: campeã do I Torneio Imprensa e Energia - Tv Tarobá; vice-campeões, radialistas; terceiro lugar, COPEL; quarto lugar, jornalistas.

Os times foram integrados pelos seguintes profissionais da comunicação: Televisão - Vanderlei, Beto, Sidney, Dilson, Wanderceio. Jamir, Ademir, Alvarino, Wilde, Jorge, Adinan e Nilceu; Radialistas - Mano, Júnior, Nelson, Antenor, Nestor, Tchê, Gaúcho, Sérgio e Djalma; Jornalistas - Xiquinho, Silvino, Joaquim, Vanderlei, Pascoal, Luiz, Surek, Paulo e Beto.

No time da COPEL formaram Carlos Alberto, Jorge, Walter, Celso, Donizeti, Clóvis, Cláudio, João José, Sérgio, Wilson, Walter Teider e Aldeci.



TV TAROBÁ, campeã.



RADIALISTAS, vice-campeões



COPEL, 3º lugar.

DELMIRO: A ENTREVISTA DE CASCAVEL

- Se eu não tivesse fugido da cama do Hospital, a estas horas já nem pertenceria à COPEL, pois estaria sem a perna esquerda. Eles queriam amputá-la e eu não queria.

É assim que o nosso colega Djalma Delmiro da Cruz descreve um dos grandes dramas que viveu quando recebeu uma picada de urutu, ao trabalhar num dos postes da linha de transmissão entre Cascavel e Céu Azul, ali por meados de 1970.

Ele subira no poste e, ao descer, tinha sentido algo lhe tocar na perna esquerda. Quando pôs a mão, sentiu que estava inchando. Os colegas o acudiram e o levaram a um dos hospitais de Cascavel. Ficou ali vinte e cinco dias, num tratamento doloroso. Um dos médicos queria amputar a perna, de qualquer jeito. Foi aí que, numa sugestão do pessoal de Curitiba, ele resolveu fugir do hospital. Mancando e com a perna doendo muito, conseguiu sair.

- Veja o problema que vivi: quando a urutu me picou, eu estava a menos de um mês para casar. Logo que saí, depois de cuidados em Curitiba, fiquei na "cerca" até que a perna voltasse ao normal. E aí casei com Hilda Maria. Temos um filho, Marcelo, com quase seis anos.

Djalma é empregado da Companhia desde 15 de janeiro de 65. Ingressou em Curitiba, sendo lotado em seguida em Ponta Grossa, em linhas de transmissão. No começo de 67, foi transferido para Cascavel para formar a primeira turma de manutenção de linha de transmissão, no SPC, hoje, CROV.



Djalma Delmiro da Cruz sofreu outro acidente, em 1978: ao trabalhar na SE/Pinheiros, em Cascavel, levou uma descarga elétrica. Ele mesmo confessa:

- Era um problema no aterramento. Eu confiei que não havia corrente e quis ver se dava choque. Dava, pois levei um coice de doido. Esse é o defeito da maioria dos empregados velhos: acham que sabem tudo e não tomam os devidos cuidados. A pessoa tem que ter muita atenção, cuidado. A pior coisa é confiar nos outros.

Ele fala dos tempos em que enfrentava chuva, barro, levando até poste de madeira nas costas, pelo Oeste.

- A gente nunca reclamava, trabalhava com prazer. Os novos empregados, os de hoje, acham tudo feito, quase tudo. Chegam a reclamar até para subir num poste, hoje em dia. Nós ficávamos meses fora, quando trabalhávamos de Cascavel a Ubiratã, de Foz do Iguaçu a Guaíra, nas linhas de Pato Branco e Francisco Beltrão. E ninguém reclamava.

Djalma, embora os dois acidentes que modificaram seus hábitos funcionais e sua satisfação em correr linhas e trabalhar em manutenção de SE's, afirma que com fé a boa vontade tudo se consegue. Hoje lotado na oficina do CROV, ele diz, otimista:

- Eu me considero um cara feliz. Faço o que gosto. Tenho prazer. Sou feliz porque saí da roça para trabalhar com eletricidade e hoje sou eletro-mecânico. Sou muito feliz.